

# ‘Das religiosas para as religiosas’: um estudo sobre a construção narrativa de professoras intelectuais na Revista Grande Sinal (1968-1969)

Evelyn de Almeida Orlando<sup>1\*</sup> e Luana Cristine dos Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rua São Francisco Xavier, 524, 20550-900, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil. <sup>2</sup>Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. \*Autor para correspondência. E-mail: evelynorlando@gmail.com

**RESUMO.** Esse estudo utiliza publicações de 1968 e 1969 da Revista *Grande Sinal* para analisar publicações de três educadoras católicas, Catarina Nourry, Irany Vidal Bastos e Sylvia Villac, que publicaram na revista, a fim de compreender como a apropriação da docência articulada à vida religiosa permitiu estratégias para estruturar seus projetos para a sociedade. A pesquisa analisa o impresso utilizando o método de Bardin (2011) e as categorias de representação, de Chartier (2002), campo religioso, de Bourdieu (2007) e intelectual, de Sirinelli (2003), ancorando-se também nos estudos de Rosado-Nunes e Orlando para compreender a vida religiosa feminina e a utilização de impressos por intelectuais, respectivamente. Os resultados indicam que essas intelectuais estavam conscientes das dificuldades e percalços impostos por um contexto considerado repressivo no âmbito religioso, de gênero e político, e dentro dele, elas utilizaram de estratégias de comunicação para veicular não apenas suas ideias, mas seus trabalhos no campo religioso e educacional, construindo uma interlocução dentro da intelectualidade vigente e contribuindo com pautas progressistas, resultantes de alinhamentos com marcos importantes, como o Concílio Vaticano II, a Reunião de Medellín (1969) além de reflexões dentro e fora da religião, veiculando assim projetos que garantissem uma formação integral para além da religiosa à suas leitoras.

**Palavras chave:** intelectuais católicas; vida religiosa feminina; impressos católicos; história da educação.

## ‘From religious women to religious women’: a study on the narrative construction of intellectual teachers in Grande Sinal magazine (1968-1969)

**ABSTRACT.** This study examines publications from 1968 and 1969 in Revista *Grande Sinal* to analyze the works of three Catholic educators—Catarina Nourry, Irany Vidal Bastos, and Sylvia Villac, who contributed to the magazine. It aims to understand how the integration of teaching with religious life enabled strategies to structure their societal projects. The research analyzes the publication using Bardin's method (2011) and the categories of representation (Chartier, 2002), religious field (Bourdieu, 2007), and intellectual (Sirinelli, 2003). It also draws on the studies of Rosado-Nunes and Orlando to understand female religious life and the use of printed materials by intellectuals, respectively. The results indicate that these intellectuals were aware of the challenges posed by a context considered repressive in religious, gender, and political spheres. Within this setting, they employed communication strategies not only to disseminate their ideas but also to promote their work in the religious and educational fields. They engaged with contemporary intellectual circles and contributed to progressive agendas, aligned with the Second Vatican Council and the Medellín Meeting (1969), as well as broader reflections within and beyond their religion. Their projects sought to ensure a comprehensive education for their readers, extending beyond religious instruction, through Catholicism.

**Keywords:** catholic intellectuals; female religious life; catholic publications; history of education.

## ‘De las religiosas para las religiosas’: un estudio sobre la construcción narrativa de maestras intelectuales en la Revista Grande Sinal (1968-1969)

**RESUMEN.** Este estudio examina publicaciones de 1968 y 1969 en la Revista *Grande Sinal* para analizar los trabajos de tres educadoras católicas—Catarina Nourry, Irany Vidal Bastos y Sylvia Villac – que contribuyeron a la revista. Su objetivo es comprender cómo la integración de la docencia con la vida religiosa permitió estrategias para estructurar sus proyectos para la sociedad. La investigación analiza la publicación utilizando el método de Bardin (2011) y las categorías de representación (Chartier, 2002),

campo religioso (Bourdieu, 2007) e intelectual (Sirinelli, 2003). Además, se apoya en los estudios de Rosado-Nunes y Orlando para comprender la vida religiosa femenina y el uso de impresos por parte de intelectuales, respectivamente. Los resultados indican que estas intelectuales eran conscientes de los desafíos impuestos por un contexto considerado represivo en los ámbitos religioso, de género y político. Dentro de este contexto, emplearon estrategias de comunicación no solo para difundir sus ideas, sino también para promover su trabajo en los campos religioso y educativo. Establecieron un diálogo con la intelectualidad contemporánea y contribuyeron a agendas progresistas, alineadas con el Concilio Vaticano II y la Reunión de Medellín (1969), así como con reflexiones más amplias dentro y fuera de su religión. Sus proyectos buscaban garantizar una formación integral para sus lectoras, que fuera más allá de la enseñanza religiosa, a través del catolicismo.

**Palavras clave:** intelectuales católicas; vida religiosa feminina; impressos católicos; historia de la educación.

Received on February 17, 2025.

Accepted on May 19, 2025.

Published in December 05, 2025.

## Introdução

Em 2020 iniciamos um mapeamento da presença de autoria feminina nas revistas presentes no catálogo da Biblioteca Studium Theologicum, que pertence aos Claretianos (Santos, 2020). O mapeamento demonstrou uma expressiva presença de autoras católicas, apesar de tais autorias estarem nos bastidores na própria materialidade do arquivo. Em primeira análise, a suposição levantada foi a de que por meio das revistas, as mulheres conseguiram um espaço para fazer ecoar suas ideias e estabelecer uma rede de contatos intelectuais com pessoas de diferentes lugares, demarcando assim um lugar na produção de saberes nos séculos XIX e XX.

Das revistas mapeadas, a escolhida para este artigo foi a Revista *Grande Sinal* (GS), uma revista ‘das religiosas para as religiosas’, conforme ela se define, a qual teve seu início em 1947, pela Editora Vozes e é publicada até hoje pelo Instituto Teológico Franciscano, agora como periódico científico. Adentrando nas histórias e projetos de décadas atrás, que refletem aspectos dos campos da educação e religião atuais, é possível perceber que parte das autoras da revista eram professoras, ou estavam de algum modo envolvidas com educação, o que nos permitiu explorar o tema à luz da História da Educação e História das Mulheres.

O artigo possui, portanto, três movimentos: o primeiro busca compreender a mulher religiosa ante a historiografia, bem como algumas das disputas e práticas que as revistas católicas tiveram na sociedade brasileira entre os anos 1930 a 1960, e como essas disputas e posicionamentos intelectuais acabaram incidindo no campo educacional. O segundo movimento se insere na discussão acerca da ocupação desse veículo por intelectuais católicas. Por fim, temos a análise de um recorte da produção das três religiosas e leigas educadoras mencionadas acima, que publicaram na revista entre 1968 e 1969, sendo o corpus de seis edições desses respectivos anos. Aqui tentamos categorizar e compreender as temáticas de suas publicações, seus objetivos, as condições de produção de seus discursos, o que as torna intelectuais e de que forma esse caminho nos meios impressos permitia uma intervenção social para além do trabalho escolarizado, sem deixar o perfil de intelectual educadora de lado.

Mesmo tendo autoria masculina envolvida no editorial e textos da revista, o que chamou atenção foi a quantidade de autoras que teciam quadros significativos sobre os rumos da vida religiosa não só do Brasil, mas da América Latina e até de países europeus no recorte temporal aqui selecionado. As colaboradoras da *Grande Sinal* traduziam obras, levantavam debates, recomendavam livros, propagavam suas ideias e suscitavam diálogos variados com o público cristão através de suas publicações, avançando para outras temáticas que iam além da obediência e submissão feminina, temas cristalizados na representação produzida sobre e para as mulheres, sobretudo religiosas.

Essa investigação nos levou a ancorar a pesquisa na História dos Intelectuais, a fim de situar suas posturas de modo político nas disputas das conquistas de espaço pela intervenção em diferentes narrativas, produções e mediações culturais, tal como Sirinelli (2003) sugere. A pesquisa, portanto, foi delineada a partir das seguintes reflexões: por onde passa a construção narrativa das professoras intelectuais que publicam na *Grande Sinal*? Quais são os debates nos quais elas se envolvem a partir de seu lugar de fala – como docentes e religiosas – no circuito intelectual veiculado pela Revista?

Para chegar à possíveis apontamentos e descobertas, analisamos o conteúdo de textos publicados por Catarina Nourry, Irany Vidal Bastos e Sylvia Villac na revista, nos anos de 1968 e 1969, a fim de perceber aspectos políticos e culturais de seus discursos, bem como apropriações e representações de suas publicações

(Chartier, 2002). Para investigar quais temas ganharam mais destaque em seus textos buscando compreender como tais temas estavam relacionados ao contexto histórico em que foram publicados, utilizamos o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011).

Pela análise de conteúdo,

A leitura efetuada pelo analista [...] não é unicamente, uma leitura ‘à letra’, mas antes o realçar de um sentido que figura em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes, ou de significados (manipulados), outros ‘significados’ de natureza psicológica, sociológica, política, histórica etc. (Bardin, 2011, p. 47-48, grifo da autora).

Tratando-se de professoras intelectuais e católicas, nosso aporte teórico-metodológico se encontra no conceito de intelectual, de Sirinelli (2003), nos conceitos de campo religioso, de Bourdieu (2007), e nos estudos de mulheres e religião, de Rosado-Nunes (2004). De cunho histórico-documental, este artigo foi produzido no âmbito da História da Educação, sob a perspectiva da Nova História Cultural e da História das Mulheres. As fontes aqui utilizadas são publicações dos anos de 1968 e 1969 da Revista *Grande Sinal*, período particularmente importante no Brasil por conta da ditadura civil-militar e das mudanças sociais que ocorreram nesses anos, inclusive no campo católico.

Acerca do uso da imprensa, nas palavras de Luca (2008, p. 145):

[...] jornais e revistas não são, no mais das vezes, obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir a partir da palavra escrita.

Esse valores podiam ser mobilizados ou aguçados através de favores, motivações financeiras, ligações com diferentes poderes. Em suma, os impressos logo se tornaram um espaço importante para se legitimar a agência intelectual, seja esta de um indivíduo, grupo ou agência de veiculação.

## Mulheres, religiosidade e historiografia

Apesar da singularidade da demarcação objetiva de gênero articulada à intelectualidade do nosso objeto de estudo da modernidade, é preciso lembrar que o caminho de mulheres desbravando posições para si e para suas ideias na vida pública (Perrot, 1998), seja pela via da imprensa, ou por outros meios como os literários e militantes, foi intensificado com mais projeção, no Ocidente, no século XIX, mas não podemos esquecer que esse movimento pode ser encontrado em mulheres da Antiguidade e da Idade Média.

Para Michelle Perrot (1998, p. 91), “[...] entender as proibições é também compreender a força das resistências e a maneira de contorná-las ou subvertê-las”. Diferentemente de movimentos sociais que partem para um confrontamento direto contra um sistema opressor e que ocorrem, geralmente, no movimento feminista, as católicas aqui estudadas utilizavam de alianças, acesso a espaços nos quais lhes seria permitida uma emancipação de forma “[...] mais fácil do que outros, como a saúde ou a educação [...]” (Perrot, 1998, p. 91).

Esse meios alternativos mantém uma certa concordância do seu discurso sem chamar a atenção ou provocar conflitos, e suas ações acabam por alcançar um grande público, afetando assim a formação da sociedade brasileira (Rosado-Nunes, 2001, 2004; Orlando, 2017).

É justamente por isso que Rosado-Nunes afirma que as religiosas

[...] não podem ser tomadas por passivas receptoras do discurso masculino e seguidoras fiéis de práticas determinadas por eles. Tampouco constituem um grupo totalmente homogêneo, respondendo de maneira unívoca às exortações eclesiás. [...] A história da vida religiosa feminina no Brasil é marcada por submissão e transgressões, passividade e criatividade (Rosado-Nunes, 2004 p. 573-574).

A historiografia da cultura no século XIX era feita de modo a excluir as formas mais completas e abrangentes não apenas de diferentes culturas, mas também suas singulares produções, transmissões, comunicações e recepções culturais, que permeiam a vida social dos sujeitos – e consequentemente – transformam e são transformadas por ambos historicamente. No final do século XX, mudanças teórico-metodológicas trouxeram novas discussões, problemas, hipóteses, soluções, autores e autoras – para novos e antigos objetos, o que também permitiu novas abordagens e uma Nova História Cultural (Chartier, 2002). Essa movimentação também trouxe uma renovação da História Cultural, com novas abordagens para a História dos Intelectuais (Zanotto, 2008).

Nesse contexto, somos apresentados à categoria de intelectual:

Uma ampla e sociocultural, englobando os criadores e os ‘mediadores’ culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento. No primeiro caso, estão abrangidos tanto o jornalista como o escritor, o professor secundário como o erudito. Nos degraus que levam a esse primeiro conjunto postam-se uma parte dos estudantes, criadores ou ‘mediadores’ em potencial, e ainda outras categorias de receptores de cultura. Baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator [...], testemunha ou consciência. (Sirinelli, 2003, p. 242-243, grifos do autor).

Esta categoria se divide em duas acepções, que tanto são complementares, quanto podem ser articuladas, “[...] visto que ambas remetem à notoriedade do grupo dos intelectuais, assim como a sua capacidade de especialistas em dado tema que podem pôr a serviço da causa que defendem (Zanotto, 2008, p. 37-38)”.

Há de se falar também sobre como os Estudos de Gênero, inicialmente tímidos e muito delimitados, hoje com o trabalho de muitas mãos, extrapolam tais barreiras ao colocarem problemáticas, teorias e reflexões que abarcam com maior completude a nossa sociedade, já não sendo relegado ao sinônimo do feminino, da mulher, tampouco da binariedade de viés biológico (Scott, 1995; Zirbel, 2007). Atualmente, os debates historiográficos reconhecem que, na história das mulheres, tanto a produção historiográfica – isto é, as formas de construir, revelar e interpretar essa história – quanto os próprios engajamentos das mulheres ao longo do tempo foram marcados por longos processos de deslegitimação e silenciamento, no entanto, isso não ocorreu sem resistência que no campo da história foi progressivamente mais incisiva dos anos 1980 em diante.

Quando olhamos para a Igreja Católica, à primeira vista ela pode parecer um bloco homogêneo e hierárquico que segue apenas uma ordem. Mas, quanto mais nos aprofundamos, não apenas na história documental da instituição, mas nas disputas e jogos de poder dentro dela, podemos perceber sua diversidade, tanto no espectro político, quanto na própria agência<sup>1</sup> dos sujeitos desse campo. Adentrar nessa história nos permite observar as nuances e complexidades dentro dos não-preenchimentos deste ‘bloco’, os ganhos, perdas e transformações que a instituição recebe e transmite para a sociedade (Rosado-Nunes, 2001). Tal bloco cheio de disputas e valores, que carregam significados específicos para seus participantes, foi elaborado e estudado por Pierre Bourdieu no conceito de campo religioso, definido pelo autor da seguinte maneira:

Pelo fato de que a posição das instâncias religiosas, instituições ou indivíduos, na estrutura da distribuição do capital religioso determina todas suas estratégias, a luta pelo monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação organiza-se necessariamente em torno da oposição entre (I) a ‘Igreja e o profeta e sua seita’ (II). Na medida em que consegue impor o reconhecimento de seu monopólio [...] e também porque pretende perpetuar-se, a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação [...]. Ademais, a Igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um ‘capital de graça institucional ou sacramental’ (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle de acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens de salvação (ou seja, assegurando a manutenção da ordem no interior do corpo de especialistas) e pela delegação ao corpo de sacerdotes [...] do monopólio da distribuição institucional ou sacramental e, ao mesmo tempo, de uma autoridade (ou ‘uma graça) de função’ (ou de instituição) (Bourdieu, 2007 p. 58, grifo do autor).

Para Bourdieu, nossa sociedade possui vários campos, e os sujeitos que compõem cada um desses campos, por sua vez, possuem diferentes valores de cunho mais abstrato e que fazem sentido apenas para as especificidades daquele campo. Nessa estrutura, apesar de produzida sob lógica patriarcal e hierárquica, não é possível nos ater apenas ao binômio dominantes e dominados:

[...] O desenvolvimento de pesquisas de caráter acadêmico, mas analíticas e com bases empíricas, aplicaram ao domínio das religiões, conceitos e métodos de pesquisa feministas. Foi possível assim, avaliar a complexidade das relações existentes no interior do campo religioso. Desvendaram-se os laços ambíguos e contraditórios das mulheres às religiões e destas às mulheres, no interior das organizações religiosas. A observação empírica mostrou as religiões como espaços sociais complexos, portadores de contradições, que não funcionam sempre e em todas as sociedades como forças conservadoras. Dadas certas circunstâncias, elas podem funcionar como forças mobilizadoras, levando as mulheres a resistir ao seu poder disciplinador (Rosado-Nunes, 2001. p. 86-87).

As múltiplas dimensões do campo nos permitem compreender a diversidade de ações e negociação táticas que se estabelece em torno de um projeto, como por exemplo, o investimento nas mulheres como mediadoras entre o clero e o povo, quando se trata de educar e aproximar a religião da cultura.

<sup>1</sup> A categoria ‘agência’ é entendida aqui “não como um sinônimo de resistência em relações de dominação, mas sim como uma capacidade para a ação criada e propiciada por relações concretas de subordinação historicamente configuradas (Mahmood, 2019, p. 123).

## A ocupação do espaço das revistas por intelectuais católicas

Com a profusão de periódicos que ganhou corpo na sociedade brasileira no século XIX, as mulheres encontraram aí um lugar para sua escrita. O trabalho de Constancia Lima Duarte (2023) aponta a diversidade de revistas produzidas por mulheres ou destinadas a elas nesse período, fosse como leitora ou como autora. As revistas foram se constituindo um veículo no qual a interlocução com o público feminino foi se desenhando ao longo do século XIX. Produzidas para elas - embora, inicialmente, por homens -, aos poucos as mulheres imprimiram aí sua voz e passaram a produzir discursos sobre e para si mesmas. Embora o público destinatário fosse as próprias mulheres, elas foram assumindo a narrativa (ainda que, muitas vezes, subordinada) e se inserindo nos debates educacionais de sua época, cotidianamente, por meio desse tipo de impresso.

Mas que mulheres figuravam nesse espaço? Não podemos estabelecer um perfil estreito das mulheres que o ocuparam, como autoras, mas podemos inferir pela compreensão das competências necessárias para estar ali e pela própria lógica de configuração das revistas, uma representação da noção de mulher que viu naquele tipo de impresso uma possibilidade de 'sair do seu quarto'<sup>2</sup> e passar da escrita privada à escrita pública: mulheres letradas, cultas, com capital simbólico suficiente para transitar nos círculos intelectuais e culturais de sua época e uma sólida rede de sociabilidade. Esses atributos lhes permitiram inserir-se nas revistas e no círculo de autores/as que se configurava em torno dele<sup>3</sup>, opinando em assuntos diversos e intervindo cada vez mais na vida pública, pela missão pedagógica que assumiam de educar, sobretudo outras mulheres.

No bojo desse movimento feminino que girava em torno das revistas, no século XX, as intelectuais católicas encontraram nesse contexto um importante meio de popularizar o catolicismo, de engajamento e formação de pessoas, mas, principalmente, de suscitar as ideias de determinados grupos aos quais pertenciam, corroborando com o projeto de (re)catholicização da sociedade brasileira, incitado por D. Sebastião Leme em sua Carta Pastoral de 1916, não apenas pela difusão da fé, mas pela formação de uma fé engajada, militante. Algumas escolas tinham seus boletins e demais impressos católicos para o público estudantil, como a revista 'O Eco', mas havia também outros periódicos destinados a professoras/es, como a *Revista de Catequese* e outras revistas destinadas ao público intelectual católico leigo, com objetivo de formar uma intelligentsia católica, como 'A Ordem' ou a 'Revista Eclesiástica Brasileira', dentre muitas outras (Santos, 2020).

O uso dos impressos para a formação da população foi fortemente estimulado ao longo do século XX, e diferentes grupos se ocuparam de pautas educacionais direcionadas a públicos distintos. Autoras como Orlando (2017), Magaldi (2017) e Paula (2018) demonstram em suas pesquisas que a Igreja tinha consciência da necessidade de renovação de suas práticas. Nesse contexto da década de 1930, a imprensa católica também foi veículo de um importante debate educacional que possui controvérsias até hoje. Dos anos 30 até os anos 60 do século XX, muita coisa mudou no cenário educacional, os católicos tiveram ganhos e perdas no campo. Havia a conquista da presença religiosa nas escolas públicas por meio do ensino religioso, embora essa fosse contestada por grupos que defendiam uma educação laica (Magaldi, 2017).

Em toda a década de 1950, a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024, 1961) foi objeto de disputas de diversos setores que ultrapassavam o campo educacional, e a imprensa brasileira teve um incisivo papel nesses debates. Além disso, por meio das revistas, intelectuais católicos defendiam a concepção de família que deveria ser inserida na legislação (Magaldi 2017). Nesse cenário, a participação das mulheres em busca de um espaço para interlocução, movimentação e defesa de suas frentes foi crucial e tem sido cada vez mais investigada por historiadores/as.

Quando utilizamos a palavra 'ocupar' em nossas buscas por periódicos para compor este artigo, a maioria dos títulos tem a ver com o sentido político da palavra. Sejam ocupações históricas, resistências ou transformações partidas de um grupo em desvantagem e que reivindica um lugar que nunca foi seu por direito, ou lhe foi roubado. Desta forma, refletimos aqui a ocupação de religiosas em revistas e demais veículos de comunicação como uma forma de ultrapassar as barreiras de seus trabalhos nos bastidores da Igreja, vendo além das assistências e representações de "[...] trabalho gratuito e dedicação sem limites" (Garcia & Rosado, 2014).

Na maioria das vezes, lhes foi vetado o direito à fala, assim como posições de poder dentro de sua religião, mesmo que esta carregue uma figura feminina como uma das principais referências em sua espiritualidade e doutrinas. Com o advento da Teologia Feminista, especialmente a partir da década de 1970, e à revelia de parte dos clérigos, percebemos que religiosas e leigas católicas têm cada vez mais trabalhado para mudar esse

<sup>2</sup> Fazemos aqui uma alusão à ideia defendida por Virgínia Woolf (2014) de que as mulheres precisavam de um espaço privado para ler, pensar, escrever, cultivar sua intelectualidade apresentada no livro *Um Teto todo seu*.

<sup>3</sup> As revistas se revelam como espaços de sociabilidade e dão a ver modos de articulação política entre seus agentes, assim como estratégias de fortalecimento do grupo ali circunscrito e as ideologias que os aproximam (Sarinelli, 2003).

cenário. Para um grupo que não possuía acesso a diversos lugares não só do sagrado, mas também do espaço público, os impressos foram uma ferramenta crucial para veicular suas ideias, com uma certa autonomia – ainda que controlada pela autorização masculina (Orlando, 2017).

Em suas publicações, percebemos que elas não atuavam apenas como prescritoras de costumes católicos. Intelectuais como Irany Vidal Bastos, Maria Junqueira, Waleska Paixão e outras que conhiceremos adiante, colocaram seu capital cultural em prática ao produzirem e propagarem projetos, formações, debates, dentre várias outras inserções, construindo assim um caminho de emancipação por meio da religião. Mesquida (2017), ao escrever sobre a trajetória da intelectual católica Stella de Faro, mostrou como sua presença foi fundamental para a efetivação do projeto católico idealizado por Dom Leme em 1916 de “[...] cristianizar a ciência, os cientistas, a justiça, as leis, a política!” (Mesquida, 2017, p. 106). Notamos aqui as contribuições de Stella à revista *A Ordem*, órgão do Centro Dom Vital de posição conservadora dentro do movimento intelectual católico e com incisivas publicações sobre educação nas décadas de 1930 e 1940, principalmente no que diz respeito ao investimento do Estado em uma educação privada e católica (Magaldi, 2008). Embora *A Ordem* fosse um veículo de difícil entrada às mulheres, Stella, nutrindo boas relações com Alceu Amoroso Lima, conseguiu transitar nesse espaço e foi uma intelectual presente nesse lugar voltado à formação de quadros dirigentes católicos. Além do trabalho dentro do periódico, Mesquida (2017) também aponta as contribuições da religiosa em muitas frentes, desde movimentos sindicais no campo e cidade no período mencionado acima (embora o autor mencione participações ativas da intelectual na vida nacional num recorte de 1939 a 1953), atuações no Ministério da Educação e Cultura, o investimento em formações para serviço social e até engajamento na luta a favor do voto feminino. Observar essas movimentações de intelectuais, como Stella de Faro, intelectual que escrevia para um periódico de viés conservador, torna possível compreender os caminhos formativos de uma intelectual, assim como alguns pontos de consenso e de discordâncias em relação às agendas que se puseram a defender. Acompanhando esse período de restauração católica das primeiras décadas do séc. XX, fica evidente que as mulheres estiveram além dos bastidores em diversas frentes sociais como intelectuais.

## Vozes educativas nas páginas da *Grande Sinal*

Baseado nos estudos realizados por Araújo (2018), David (2019), Bandeira (2019), Tortelli (2020), Orlando e Mesquida (2021), e na pesquisa que embasa este texto, podemos delinear uma característica do *modus operandi* de um conjunto de leigas e religiosas católicas, que se sobressai em relação a outras mulheres intelectuais dos dois primeiros quartis do séc. XX: elas são muito mais diplomáticas do que combativas. Essa capacidade de negociar com diferentes grupos, incluindo a própria Igreja associada ao domínio da cultura lettrada, a conquista de cargos de missionárias e uma circulação internacional, lhes rendeu importantes conexões realizadas por meio de todas essas práticas e um sólido capital cultural que lhes servia o suficiente para transitar dentro e fora do campo religioso.

Vale mencionar que das religiosas localizadas no mapeamento anterior à seleção das três autoras deste artigo vinham de famílias socioeconômicas privilegiadas, tendo estudado nos melhores colégios no Brasil e/ou no exterior, cultivando um capital cultural e simbólico que lhes permitia uma formação distintiva de outras mulheres da época, dando consistência aos seus discursos e ampliando seus horizontes intelectuais (Rosado-Nunes, 2004; Orlando, 2017), o que pode apontar para um limite, ainda pouco compreendido, acerca das religiosas sem esses tais-privilégios.

Percebemos uma efetiva movimentação tanto na produção, quanto na circulação de suas ideias, reforçando assim a tese defendida por pesquisadoras/es da história das mulheres de que há um apagamento de memórias e produções que essas intelectuais deixaram de herança. Felizmente, achados como a revista *Grande Sinal* nos permitem compreender, dialogar e tentar interpretar algumas destas trajetórias.

Fala o Cardeal Suenens<sup>4</sup>: [...] é uma pena, diz o Cardeal, que o apostolado da Religiosa se reduza praticamente às crianças, aos enfermos, aleijados e velhos, em vez de atingir também as forças vivas da sociedade: os adultos, os intelectuais, os educadores, os dirigentes dos destinos humanos. Por força de hábitos e costumes, a Religiosa fica enclausurada num mundo fechado, num gueto, à margem da Igreja militar. [...] A vida da Religiosa enriquece a Igreja e seria de lamentar a perda de grandes energias em serviços domésticos de pouca influência apostólica, quando milhares de almas andam desnorteadas, sem conhecer o rumo da salvação. [...] É preciso estabelecer uma justa hierarquia de valores, dando devida importância às novas dimensões da vida moderna (Celant, 1964, p. 19).

<sup>4</sup> Cardeal Leo-Jozef Suenens (1904-1996), foi uma figura intelectual reconhecida por seu papel no Concílio II, apoio ao movimento da Renovação Carismática. Muito mencionado na Revista *Grande Sinal*, principalmente no que tange a artigos sobre a abertura ao papel das mulheres e dos leigos na Igreja.

Com uma clara preocupação da Igreja em divulgar a ‘boa imprensa’, a Editora Vozes foi uma das grandes impulsionadoras da renovação católica. Entre a Revista Eclesiástica Brasileira e a Revista Vozes, nascia em Petrópolis, no ano de 1947, a *Sponsa Christi*, uma revista dedicada às religiosas e que propunha dialogar com diversas congregações, nacional e internacionalmente. Em 1968, alinhada ao Concílio Vaticano II e à renovação pela qual a Igreja passava, mesmo com censuras sofridas pelo próprio Vaticano<sup>5</sup>, a revista resiste em seu caminho, mudando o nome para *Grande Sinal*, e permanecendo viva até os dias atuais, com circulação bimestral.

Sob direção de Frei Frederico Vier e Frei Neylor José como redator, a *Grande Sinal* explica a mudança e a composição de uma equipe colegiada, em busca de abranger diversamente as congregações religiosas de diferentes regiões do Brasil. Esta equipe se incumbia de tomar importantes decisões, como sugestões e assuntos que seriam tratados com mais urgência: Com isso acreditamos estar depositando na mão das Religiosas o próprio destino de nossa revista. Este fato, i.é<sup>6</sup>, da ‘cogestão e descentralização’ de nossa revista, é para nós a grande novidade e feliz realidade que marca o aparecimento da *Grande Sinal* (Bastos, 1968a).

A descentralização de tomada de decisões é um tema que acabou sendo recorrente em parte do material analisado, principalmente, nos escritos pela Ir. Catarina Nourry, uma das três intelectuais sobre as quais mantivemos o foco. Tanto Nourry quanto Sílvia Villac faziam parte desta equipe colegiada, enquanto Irany Vidal Bastos era a noticiarista da revista – o que se manteve em todo o *corpus* documental consultado.

Irmã Catarina Nourry - francesa - é a representante no Brasil da Madre Geral da Congregação de São Carlos de Lyon. Vive há dois anos em nosso país, tendo frequentado o CENFI [...]. Nesses dois anos, entrou em contacto com muitas regiões do Brasil, graças às inúmeras viagens a que, por ofício, se teve de submeter, e por um ano orientou, aqui, as noviças, todas brasileiras, podendo auscultar seus anseios e sentir de perto um novo modo de pensar. Ir. Catarina, que é Religiosa há 12 anos, viveu cinco anos em Taizé, [...]. Além de especializada na educação de crianças débeis mentais, Ir. Catarina habilitou-se na formação de catequistas e diplomou-se em Teologia Dogmática e Moral (Bastos, 1968a, p. 124).

Como podemos observar, Catarina Nourry era uma pessoa prestigiada dentro da revista. Nas fontes consultadas, era recorrente seu trabalho e publicações serem citados por outras autoras. Na busca externa, localizamos apenas indícios de uma obra<sup>7</sup> traduzida do francês para o português pela autora, publicada também pela Editora Vozes no Brasil, e uma utilização de suas publicações na *Grande Sinal* no artigo de Adriano Cecatto (2020).

Nos textos ‘Crise na vida religiosa feminina do Brasil: uma explicação’ (1968) e ‘Como vai, no Brasil, a Vida Religiosa Feminina’ (Nourry & Schroeter, 1969), Nourry deixa claras críticas sobre como acontecia o enraizamento de congregações europeias. No final do século XIX e início do século XX, houve um *boom* nas congregações femininas no Brasil pelo investimento europeu e norte-americano em catolicizar a América Latina, além das expulsões e perseguições religiosas promovidas na Europa pelas revoluções secularistas que aconteciam neste período. Com muito esforço, essas religiosas estrangeiras acabaram aprendendo a nossa língua e levantaram as sedes de suas congregações, se expandindo, fundando escolas, hospitais e outras instituições (Leonardi, 2012).

Catarina Nourry apresenta um viés no qual, para ela, muitas dessas instalações aconteciam nos meios mais pobres, e – como as mulheres e garotas dali viviam sem acesso aos recursos básicos – a religião lhes foi uma forma de adquirir educação, alimento e oportunidades. Embora autoras como Orlando (2017) e Leonardi (2012) destaquem que muitas dessas congregações vieram para educar moças de famílias privilegiadas, o público feminino mais pobre não ficou sem assistência religiosa e educacional por parte das congregações.

Em seu texto, a autora (assim como outras religiosas) expõe suas preocupações sobre a saída de muitas mulheres das congregações, sobretudo porque o fluxo de entrada era pequeno. Para Nourry, apesar de reconhecer o importante trabalho das pioneiras, os encaminhamentos que as congregações estrangeiras davam para as religiosas careciam de formação, “[...] falta de formação humana integral, falta de formação espiritual fundamentada, falta de formação teológica básica, falta de formação pastoral condicionada” (Nourry, 1968, p. 125). Além dessas congregações não terem, em sua visão, uma adaptação e um projeto que valorizasse a cultura brasileira, Catarina Nourry via que muitas das jovens que ingressavam nessas congregações tinham a religião mais como via de escape do contexto de pobreza, miséria e falta de oportunidades que viviam, do que propriamente um caminho de vida espiritual.

<sup>5</sup> Na publicação ‘Cem anos da Revista de Cultura Vozes’, Frei Clarêncio Neotti (2007) cita tais censuras sofridas pelas três revistas da Editora Vozes.

<sup>6</sup> A redação corresponde à grafia da revista.

<sup>7</sup> A obra em questão: *Psicopedagogia dos meios audiovisuais no ensino do primeiro grau* de Mialaret (1973).

A autora traz novamente essa questão em 1969 no texto 'Como vai, no Brasil, a Vida Religiosa Feminina', escrito com Ir. Cristina Schroeter. Em suas inserções, preocupada com a motivação das irmãs para exercer o trabalho apostólico, seja na catequese, cuidado aos enfermos, entre outros trabalhos de pastoral, escreve: "[...] Viver de um trabalho dito 'apostólico', escolas, hospitais, catequese é muitas vezes um pretexto que oculta uma certa fuga da realidade e que em todo caso não ajuda o governo a tomar as suas responsabilidades" (Nourry & Schroeter, 1969, p. 602, grifos da autora).

Nesse cenário de instabilidade na vida religiosa que a autora nos traz, vemos aqui uma intelectual que não se imobiliza, do contrário, mobiliza suas leituras sobre as mudanças sociais, questionando até que ponto o trabalho religioso estava fazendo algo que era papel do Estado. Demonstra, portanto, uma necessidade de pensar e reencontrar (ou reconstruir) os lugares e inserções das religiosas, defendendo também uma descentralização de poder das congregações estrangeiras, ao constatar uma excessiva dependência do que as religiosas estrangeiras trazem e norteiam, a fim de libertar o trabalho das irmãs brasileiras, como aponta nas conclusões de seu texto.

No auge dessa crise religiosa, em meio às dificuldades de acordo dentro das congregações, a busca por uma medida entre as respostas do passado e os anseios que os novos ares do presente traziam para a construção da identidade e de sua agência de religiosa, após o Concílio Vaticano II (Cecatto, 2020). Irany Vidal foi outra autora que ganhou relevo em nossa pesquisa por trazer luz a muitas das práticas ocorridas no final da década de 1960.

Missionária de Jesus Crucificado, Irany Vidal Bastos fez parte da Diretoria Nacional da Conferência dos Religiosos do Brasil e foi subsecretária do Departamento dos Religiosos da CNBB. Em 1963, iniciou um importante trabalho como coordenadora de uma comunidade católica em Nísia Floresta (RN). Colaborando como noticiarista na *Grande Sinal*, trazia informações atualizadas acerca das práticas da vida religiosa no Brasil e no exterior. A dissertação de Luzia Ferreira (2017) mostra que as religiosas dessa comunidade investiram fortemente na educação dos moradores daquela região, tendo como foco a alfabetização e a educação básica, articulando conscientização e evangelização do povo: "[...] a alfabetização de jovens e adultos que a Diocese de Natal ofereceu através das Escolas Radiofônicas foi, no Brasil, a primeira experiência em educação de base pelo rádio. Com essa experiência buscava a integração entre a comunidade rural e a sociedade em geral" (Ferreira, 2017, p. 53).

Não é preciso ir a fundo para lembrar que, nesta mesma década, sob ataques dos militares outorgados pelo Regime Militar, o educador Paulo Freire foi preso e precisou se exilar justamente por acusações em relação ao seu trabalho na alfabetização de adultos, tendo sido acusado de comunista e subversivo. Observar que, enquanto educadores e educadoras eram perseguidos por todo o país, religiosas como Irany Bastos continuavam o projeto que aspirava uma emancipação de brasileiras e brasileiros por meio de uma educação, que ultrapassava métodos tradicionais, o que é indicativo de manuseios, forças estratégicas que religiosas como Irany encontraram como forma de desviar o autoritarismo político vigente na ditadura.

Em seus registros na *Grande Sinal*, Irany buscou noticiar os esforços das religiosas, que não só levavam adiante os projetos católicos, como também promoviam melhorias significativas nos lugares em que prestavam seus serviços. 'No texto Religiosas: "Flashes" que são SINAL' (Bastos, 1968a), Irany expõe depoimentos de religiosas e seus trabalhos em comunidades desfavorecidas. Encontramos inclusive, o depoimento da educadora Ir. Luísa Maria, 'especialista em métodos experimentais' (Bastos, 1968a), o que indica um cuidado das católicas em utilizar métodos educativos atualizados em suas práticas. Notícia Irany:

Muita gente no morro desconhece o nome do Presidente da República e do Governador da Guanabara, mas o da Ir. Anne é uma bandeira para eles. [...] Ir. Luísa Maria é meio 'prefeita', ajudando discretamente os políticos a assumirem seu papel. Ir. Joselita alfabetiza os adultos que trabalham de dia e estudam à noite. Ir. Rosa Helena dirige alguns grupos de jovens, levando-os para Deus (Bastos, 1968a, p. 96-98, grifos da autora).

Um dos importantes eventos presenciados e noticiados na revista por Irany foi a Reunião de Medellín (1969), na qual a Igreja se atentou mais aos problemas sociais da América Latina. No artigo 'Irmã Irany: em Medellín teve a América Latina seu Concílio' (Bastos, 1968b), encontramos falas progressistas de diversos religiosos, registradas pela superiora. Desde a defesa da reforma agrária até a atuação frente às pessoas marginalizadas, à exclusão social que acontece em escolas católicas, entre outras decisões e pautas que eclodiam dentro e fora da Igreja. Na atuação pelos bastidores, Irany nos permite perceber as atuações políticas das religiosas que estavam presentes na cena institucional e junto à comunidade. Trazendo o alinhamento com as diretrizes do Concílio Vaticano II e da Reunião de Medellín, a religiosa também defende um "despertar" das religiosas para um aprofundamento teológico e pastoral.

Apoiado em Maria Del Carmen Urbano, Cecatto aponta um “[...] silenciamento das religiosas em relação à formação acadêmica na área de teologia” (Cecatto, 2020 p. 178). No entanto, Irany, uma intelectual que ocupou cargos de importância na Igreja, parecia estar consciente da necessidade das religiosas de se aprimorarem teoricamente, acompanhando as mudanças sociais, estruturais e agindo diante delas.

Outra autora da revista que se destacou na *Grande Sinal* foi Sylvia Villac. Através da resenha do livro *Cristo me chama para construir minha personalidade*, podemos ter uma ideia inicial de quem foi a professora Sylvia Villac e de como seu trabalho era representado para além da *Grande Sinal*:

No intuito de ajudar os catequistas do Brasil, a Irmã Sylvia Villac, responsável pelas pesquisas de pedagogia religiosa feminina do ISPAC, juntamente com um grupo de alunos do mesmo Instituto, traz a público uma série de catequeses para adolescentes da 3ª série ginasial (13-16 anos), ordenadas no livro [...]. Os planos catequéticos propostos pela autora tomam em consideração os problemas e anseios próprios da adolescência, necessitada de orientação que leve a realizar-se no plano humano e cristão (Vieira, 1968, p. 2).

Missionária de Jesus Crucificado e colaboradora do ISPAC (Instituto Superior de Pastoral Catequética), do Rio de Janeiro, na edição n. 6 de 1968 da *Grande Sinal*, Sylvia ('Sílvia', na grafia da revista) publicou uma importante pesquisa realizada por ela, dentro do campo educacional, sobre a representação que alunos de diferentes escolas tinham das religiosas, resultando em: A Religiosa, Sinal para a juventude. Refletindo sobre o papel da Igreja diante do jovem e vendo neles um potencial para a humanização do mundo, o artigo narrava os resultados e reflexões da pesquisa com os 458 jovens, de ambos os性os, de colégios religiosos e leigos.

Mesmo nos colégios religiosos, muitas vezes nos inquéritos não aparecem as Irmãs como verdadeiras cristãs. [...] Serão as Religiosas consideradas como simples profissionais e portanto equiparadas aos demais professores do estabelecimento, que nada mais fazem senão cumprir a obrigação para a qual são remunerados? (Villac, 1968, p. 448).

A autora aqui demonstra uma preocupação especial em relação a essas representações tanto que, baseada nessa pesquisa, encaminhou os resultados a um educandário que no ano seguinte trouxe religiosas educadoras mais ‘integradas’ aos jovens. Essa integração, para Sylvia, se fazia necessária, porque, em meio à inconstância do jovem, “[...] ele precisa encontrar um apoio seguro na autenticidade do adulto. Ele necessita sentir que seu educador é o mesmo na ordem do aparecer ao mundo e na ordem do existir, que ele vive continuamente aquilo que prega” (Villac, 1968, p. 452).

Iniciativas como a pesquisa analisada acima, demonstram um posicionamento político proeminente, buscando reflexão, indagações e possíveis mudanças práticas para as questões de seu tempo, principalmente na educação. Para a educadora, não bastava ter um quadro docente católico presente nas escolas, era necessário que essas professoras demonstrassem, por exemplos práticos, os valores cristãos, de modo que os jovens reconhecessem nelas uma representação positiva da religiosa; era preciso, ainda, que conseguissem dialogar com esses jovens, a fim de se constituírem, para eles, como referência ou um porto seguro.

## Considerações finais

O processo de formação dos indivíduos consiste em direcionamentos ideológicos e políticos que refletem projetos de nação e cidadania em disputa. No Brasil, desde a separação oficial entre Estado e Igreja, com a Proclamação da República, a Igreja Católica e algumas congregações religiosas, com seu modo mais diplomático de militância, estiveram presente nesse campo de disputas, reivindicando para si o controle da formação de mentes e corpos republicanos pela educação.

A pesquisa permitiu perceber as estratégias de ocupação em revistas e a mobilização de discursos que questionavam representações vigentes e buscavam incitar reflexões em suas leitoras para as discussões sociais da época. Muitas indagações surgiram no processo da pesquisa, principalmente sobre quais eram as vozes femininas que sobressaíam nesse espaço, e o quanto esse lugar de ascensão e maiores oportunidades estava ao alcance de todas as religiosas. As trajetórias observadas neste estudo apontam apenas intelectuais que já vinham de uma origem social e étnico-racial privilegiadas, portanto, podemos nos perguntar qual era o espaço que as religiosas negras e de meios rurais ou periféricos tinham no campo religioso, e como intelectuais? Essas são algumas indagações que a pesquisa suscitou e que ficam para trabalhos futuros.

Compreender a tentativa genuína dessas educadoras de atuarem pela transformação da realidade em que estavam inseridas, por meio de projetos católicos que defendiam a educação e inserção no espaço de pensamento por outras mulheres, assim como seu trabalho com a educação nas comunidades significa extrapolar o rótulo ‘conservador’ que tradicionalmente é associado às congregações femininas na

historiografia. É avançar, no sentido de compreender, que tais rótulos engessam nossa leitura acerca dos muitos fazeres e modos de existir, sobretudo quando consideramos o atravessamento de gênero.

## Disponibilidade de dados

As fontes primárias consultadas encontram-se disponíveis na Biblioteca dos Claretianos em Curitiba e na Hemeroteca Digital Catarinense.

## Referências

- Araújo, K. (2018). *Helena Kolody e os caminhos de produção de uma intelectual entre os caminhos da poesia e da educação*. [Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná].
- Bandeira, L. (2019). *A educadora, psicóloga e intelectual Madre Cristina Sodré Dória e sua atuação na educação das famílias (1916-1974)* [Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná].
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bastos, I. V. (1968a). Religiosas: Flashes que são SINAL. *Revista Grande Sinal*, 1(2), 94-100.
- Bastos, I. V. (1968b). Irmã Irany: Em Medellín teve a América Latina seu Concílio. *Revista Grande Sinal*, 1(9), 655-668.
- Bourdieu, P. (2007). *A economia das trocas simbólicas*. Perspectiva.
- Cecatto, A. (2020). Narrativas e representações da vida religiosa feminina no Brasil (1969-1974). *Semina - Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF*, 19(1), 164-184.
- Celant, F. J. (1964). Comunicados: a religiosa no mundo de hoje. *Revista Sponsa Christi*, 19-21.
- Chartier, R. (2002). *A História cultural: entre práticas e representações* (2a ed.). Difel.
- David, H. E. (2019). *A obra de Ofélia Boisson Cardoso na Coleção Biblioteca de Educação: educação familiar e moral católica em um projeto intelectual* [Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná].
- Duarte, C. L. (2023). *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XX (1900-1949)* (Vol. 2). Autêntica.
- Ferreira, L. V. (2017). *A Atuação das missionárias de Jesus Crucificado como vigárias paroquiais em Nísia Floresta/rn (1963-1989): uma inovação pastoral* [Dissertação de Mestrado, Curso de Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco]. <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/972>
- Garcia, M. V., & Rosado, M. J. (2014). Liberdade em clausura. *Rever: Revista de Estudos da Religião*, 14(2), 74-115. <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/21744>
- Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.* (1961, 20 de dezembro). Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Câmara dos Deputados. <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>
- Leonardi, P. (2012). Igreja católica e educação feminina: uma outra perspectiva. *Revista HISTEDBR On-line*, 9(34), 180-198. <https://doi.org/10.20396/rho.v9i34.8639587>.
- Luca, T. R. (2008). Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In C. B. Pinsky (Org.), *Fontes históricas* (2a ed., pp. 111-154). Contexto.
- Magaldi, A. M. B. M. (2008). Vozes católicas: um estudo sobre a presença feminina no periódico *A Ordem* (anos 1930-40). In Y. Lobo, & L. Faria (Orgs.), *Vozes femininas do império e da república* (pp. 81-104). Quartet; FAPERJ.
- Magaldi, A. M. B. M. (2017). Em nome da família: imprensa católica e debates educacionais brasileiros (anos 1930 e 1950/60). In E. A. Orlando (Org.), *Histórias da educação católica no Brasil e em Portugal* (1a ed., pp. 25-48). Appris.
- Mahmood, S. (2019). Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. *Revista Etnográfica*, 23(1), 135-175. <https://doi.org/10.4000/etnografica.6431>
- Mesquida, P. (2017). Stella de Faro: uma luz no caminho da restauração católica. In E. A. Orlando (Org.), *Histórias da educação católica no Brasil e em Portugal* (1a ed., pp. 101-118). Appris.
- Mialaret, G. (1973). *Psicopedagogia dos meios audiovisuais no ensino do primeiro grau* (C. M. Nourry, Trad.). Vozes.

- Neotti, F. C. (2007, 21 de agosto). *Uma jovem centenária revista de cultura*. Observatório da Imprensa. <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/uma-jovem-centenaria-revista-de-cultura/>
- Nourry, C. (1968). Crise na vida religiosa feminina do Brasil: uma explicação. *Revista Grande Sinal*, 1(2), p. 124-128.
- Nourry, C., & Schroeter, C. (1969). Como vai, no Brasil, a Vida Religiosa Feminina. *Revista Grande Sinal*, 23(8), 597-602.
- Orlando, E. A. (2017). Maria Junqueira Schmidt e os caminhos de uma trajetória intelectual pela palavra impressa. In E. A. Orlando (Org.), *Histórias da educação católica no Brasil e em Portugal* (1a ed., pp. 119-140). Appris.
- Orlando, E. A., & Mesquida, P. (Orgs.), (2021). *Intelectuais e educação: contribuições teóricas à história da educação* (1a ed.). Editora Fi.
- Paula, A. (2018). *A revista A Cruzada e a “boa imprensa” católica no Paraná (1926-1931)* [Dissertação de Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá].
- Perrot, M. (1998). *Mulheres públicas*. Unesp.
- Rosado-Nunes, M. J. F. (2001). O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. *Cadernos Pagu*, 16, 79-96. <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a05.pdf>
- Rosado-Nunes, M. J. F. (2004). Freiras no Brasil. In M. Del Priore. (Org.), *História das Mulheres no Brasil* (7a ed., pp. 573-605). Contexto.
- Santos, L. C. (2020). *Educação, religião e gênero: um olhar para a autoria feminina na Biblioteca dos Claretianos em Curitiba*. (Relatório Pesquisa de Iniciação Científica). PUCPR.
- Scott, J. (1995). Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Sirinelli, J. (2003). Os intelectuais. In R. Rémond (Org.), *Por uma história política* (pp. 231-270). FGV.
- Tortelli, E. (2020). *Liga das senhoras católicas de Curitiba (LSCC): protagonismo político na educação e na cultura da Curitiba (1953-1993)* [Dissertação de Mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Paraná].
- Vieira, J. (1968, 18 de outubro). Livros, autores e ideias. *O Estado: O mais antigo diário de Santa Catarina*, 54.
- Villac, S. (1968). A religiosa, sinal para a juventude. *Revista Grande Sinal*, 1(6), 446-453.
- Woolf, V. (2014). *Um teto todo seu*. Tordesilhas.
- Zanotto, G. (2008). História dos intelectuais e história intelectual: contribuições da historiografia francesa. *Biblos. Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, 22(1), 31-45. <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/854>
- Zirbel, I. (2007). *Estudos feministas e estudos de gênero no brasil: um debate* [Dissertação de Mestrado, Curso de Sociologia Política, Universidade Federal de Santa Catarina].

## INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

**Evelyn de Almeida Orlando:** Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, vice-Cordenadora do GT de História da Educação da ANPUH PR, editora da Revista de História e Historiografia da Educação /ANPUH. ORCID: [orcid.org/0000-0001-5795-943X](https://orcid.org/0000-0001-5795-943X) E-mail: [evelynorlando@gmail.com](mailto:evelynorlando@gmail.com)

**Luana Cristine dos Santos:** Mestranda da linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação pela Universidade Federal do Paraná/UFPR, licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUCPR. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-0254-6655> E-mail: [luanabtmsantos@gmail.com](mailto:luanabtmsantos@gmail.com)

## NOTA:

Evelyn de Almeida Orlando: Orientadora de ambas as pesquisas que originaram o artigo, responsável pela correção final e atualização do texto apresentado nesta submissão.

Luana Cristine dos Santos: pesquisa desenvolvida por esta autora no âmbito da Iniciação Científica e aprofundada na monografia de conclusão de curso de graduação em Pedagogia da PUCPR.

**Editor associado responsável:**

**Terezinha Oliveira (UEM)**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9841-7378>

E-mail: teleoliv@gmail.com

**Rodadas de avaliação:**

Dois convites; dois pareceres recebidos

**Revisor de normalização:**

Adriana Curti Cantadori de Camargo